



DESOBJETIFICAÇÃO DE “NEGÃO NEGRA”: CONSTRUINDO IDENTIDADES DA NEGRITUDE

BATISTA, Adamor Cordeiro¹

RESUMO: Trata o presente trabalho de analisar o eco que a música “Negão negra”, fruto de uma parceria entre a cantora carioca Elza Soares (1930 – 2022) e o *rapper* mineiro Flávio Renegado, faz soar aos ouvidos da sociedade brasileira. A letra da música evidencia os traços de uma luta pautada na desconstrução do imaginário eurocêntrico que compreende a identidade do preto enquanto objeto. Diante disso, buscamos teorizar e refletir acerca da desobjetificação das identidades negras, proporcionada pela canção. Para acentuar essa reflexão, utilizamos os conceitos de *sujeito* e *objeto* discutidos por Kilomba (2019), bell hooks (2019) e Perini (2005), bem como discussões voltadas às construções discursivas, das quais apoiamo-nos na voz da escritora paulista Djamilia Ribeiro (2021).

PALAVRAS-CHAVE: Negão Negra; Elza Soares; Desobjetificação; Racismo.

DE-OBJECTIFICATION OF “NEGÃO NEGRA”: BUILDING IDENTITIES OF NEGRITUDE

ABSTRACT: This paper seeks to analyse the echoes of the music “Negão Negra”, from the Rio’s singer Elza Soares (1930-2022) and the Minas Gerais’s rapper Flávio Renegado, that rings in the ears of Brazilian society. Its lyrics shows up traces of a fight based on the deconstruction of a Eurocentric imaginary, which comprehends black people identity as object. That said, we seek to theorize and to think about the de-objectification of black identities in the song. To increase these thoughts, we take the concepts of “subject” and “object” as said by

¹ Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Federal do Acre. Professor substituto no Centro de Educação e Letras da Universidade Federal do Acre, Campus Floresta. E-mail: adamor.batista@ufac.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2688-6471>



Grada Kilomba, bell hooks and Perini, as well as discussions on discursive constructions based on São Paulo's writer Djamila Ribeiro.

KEYWORDS: De-objectification; Elza Soares; Negão Negra; Racism.

1. INTRODUÇÃO

Lançada no ano de 2020, a música “Negão Negra” combina a sonoridade das batidas eletrônicas e as vozes que ecoam contra o racismo estrutural. Parece clichê, mas isso sugere uma compreensão da história de discriminação e dificuldades que muitas vezes continuam visíveis no seio da sociedade. A música, por si só, já seria suficiente para levantar hipóteses profundas acerca do racismo estrutural brasileiro. No entanto, ao olharmos que uma das vozes que se levanta para fazer ecoar o som de “Negão Negra” é de Elza Soares, somos levados a uma análise mais profunda, pois retrata um grito que há décadas busca a desobjetificação da identidade negra.

Para tornar essa análise possível, traçaremos uma ponte entre a música e as discussões de Grada Kilomba em sua obra *Memórias da plantação: episódios de racismo no cotidiano* (2019), bell hooks *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019) e Djamila Ribeiro *Lugar de fala: feminismos plurais* (2021). Ambas discutem através de suas obras a compreensão da representação que o negro tem perante a sociedade, posto que as análises de Grada Kilomba, bell hooks e Djamila Ribeiro discutem direta ou indiretamente a condição de *sujeito e objeto*, sendo esta última definição, comumente utilizada no meio social, quando se trata de definir a pessoa negra. Dessa forma, discutiremos a definição desses conceitos e, em paralelo, trataremos da desobjetificação² da identidade negra, pois compreendemos que a música faz tilintar o brado de uma identidade que se move e quer ser vista enquanto sujeito.

De acordes e reflexões profundas, “Negão Negra” convoca o público ao prazer da melodia, mas também ao chamado à ação. E assim, como dizem Elza Soares e Flávio Renegado (2020)

Nunca foi fácil e nunca será
Para o povo preto do preconceito se libertar
Sempre foi luta, sempre foi porrada

² Utilizamos o termo desobjetificação para situarmos a desconstrução da condição de objeto atribuída ao negro, ou seja, o ato de tornar-se sujeito.



Contra o racismo estrutural, barra pesada

Negão, negão, negão, negão
Negão, negão, negão, negão
Negra, negra, negra, negra, negra

Negão, negão, negão, negão
Negão, negão, negão, negão
Negra, negra, negra, negra, negra

Fala pro homem cordial e a sua falha engrenagem
Meu corpo é livre, com amor, cor e coragem
Pra cada um que cai, choramos rios e mares
Mas nunca calarão as nossas vozes milenares

Sem gênero ou preceito, humanos em nova fase
Wakanda é o meu mundo, Palmares setor a base
Quem topa esse rolê dá asas à liberdade
No feat filho do rei e a deusa Elza Soares

Todos os dias me levanto
Olho no espelho, sempre me encanto
Com o meu cabelo e a cor da pele dos meu ancestrais

Todas as noites no quarto escuro
Peço a Deus e aos orixás
Que a escravidão não volte nunca, nunca, nunca mais

Negão, negão, negão, negão
Negão, negão, negão, negão
Negra, negra, negra, negra, negra

Negão, negão, negão, negão
Negão, negão, negão, negão
Negra, negra, negra, negra, negra

Negão, negão, negão, negão
Negão, negão, negão, negão
Negra, negra, negra, negra, negra

Negão, negra
Negão, negra
Negão, negra
Negão, negra
Negão, negra
Negra, negra



Aham (é, vai)
Nega, nega
Nega, nega, nega (negão, negão, negão, negão)
Nega, nega, nega (negão, negão, negão, negão)

Partiremos às discussões com o pensamento de que além do prazer, “Negão Negra” tem um propósito maior, o da ponderação e do desconstruir para reconstruir.

1.1 ELZA SOARES: RETRATOS DE UMA LUTA PELA RESISTÊNCIA

Dona de uma voz que encanta logo de cara seu ouvinte, Elza Soares construiu uma carreira que não se limitou apenas à inovação musical, pois englobou fatores como a denúncia das injustiças sociais, além de zelar pela promoção da igualdade racial. Figura protuberante na cultura brasileira, desafiou padrões, e buscou ressignificar o papel da mulher negra com a amplificação de suas vozes. Sua postura antirracista levou um tempo para vir à tona, mas quando veio, fez valer-se de uma arte que inspira resistência, e coloca Elza Soares no plantel de sujeito encorajador, inspiração para uma geração que clama por justiça e equidade.

Sobre a luta de Elza Soares frente ao silenciamento das vozes de mulheres negras, bem como ao racismo estrutural, Prudente (2022)³ descreve o fato de que a cantora

[...] localizou-se nessa visão, que lhe fez intérprete nas lutas das minorias vulneráveis na sua arte de causa, engajada, cantando com alegria e coragem, demonstrando que ‘A felicidade do negro é uma felicidade guerreira!’. Sua essência musical negra foi referência na luta de resistência cultural da escola de samba, que foi um lugar de composição caracterizada pela originalidade do sincopado da afrodescendência que foi negada, formando o lumpemproletariado miscigênico [...]

Note que a professora Eunice Aparecida de Jesus Prudente descreve a sambista carioca como essa voz que carrega em si a representatividade de um povo. Mais do que um entretenimento, sua voz faz menção a um objetivo maior, a conscientização da sociedade acerca dessa ferida colonial. Suas canções figuram como um espelho social, pois refletem as injustiças e os desafios enfrentados pela comunidade negra, ao mesmo tempo também inspiram esperança

³ Disponível em [Elza Soares: o canto negro que tem a cara do Brasil – Jornal da USP](#). Acesso em 06 de março de 2024.



e promovem, de algum modo, a necessidade de mudanças estruturais para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária.

As músicas de Elza Soares são marcas de um processo de transformação, do qual percebe-se ao longo de sua jornada artística uma mudança discursiva na construção de sua própria narrativa. Para Nascimento (2022, p. 4), essa mudança foi possível a partir das

[...] experiências de sofrimento e de pobreza [que] somam-se às marcas de gênero, sexualidade e racial no percurso de cantora, iniciado em 1953, no concurso musical do programa radiofônico Calouros em Desfile, apresentado pelo compositor Ary Barroso. (Grifo nosso).

Desse período, sucedeu-se uma carreira que durou mais de seis décadas. Para Nascimento (2022), Elza Soares obteve seu reconhecimento por sua ousadia em explorar uma ampla gama de gêneros musicais, que vão desde o samba, *jazz*, bossa nova, *rock*, até a MPB e a música eletrônica. Além de sua versatilidade musical, a sambista carioca também enfrentou desafios significativos, incluindo a hostilidade da opinião pública em relação à sua vida pessoal, batalhas contra a depressão, negligência e exploração econômica por parte das gravadoras, bem como os altos e baixos que são inerentes à trajetória de qualquer artista.

Seu reconhecimento, no ano 2000, pela BBC de Londres como uma das vozes do milênio é a consagração de um dos maiores nomes da música brasileira, e por que não do ocidente? Apesar da vasta carreira, somente a partir dos anos 2000, com o álbum *Do cóccix até o pescoço* (2002), é que Elza Soares assume, de fato, uma voz militante em defesa das vozes das mulheres negras brasileiras, bem como das convicções antirracistas.

Nascimento (2022, p. 4) pontua que, nesse álbum, destacam-se músicas que potencializaram, por parte da cantora, essa luta, uma vez que

[...] o carro-chefe, a música *A carne*, de um ainda desconhecido Farofa Carioca; *Haiti*, composição de Gilberto Gil e Caetano Veloso, reconstruída totalmente pelas mãos inspiradas do produtor Alexandre Siqueira, e a canção inédita *Dura na queda*, de Chico Buarque. A seleção das músicas mostra a intenção de Elza em aprofundar sua crítica social tornando-a pública.

Conforme apontado no trecho acima citado, *Do Cóccix até o Pescoço* demonstra uma clara mudança de perspectiva: emerge o discurso social e a luta contra o racismo. Aqui, a artista



quebra as amarras impostas pela “indústria fonográfica” (Nascimento, 2022, p. 5), predominantemente masculina e branca, que por muito tempo controlou sua trajetória. Ao romper esse empecilho, ela não só abre novos horizontes na indústria, mas também encontra uma nova audiência, especialmente entre o público jovem, ambos sedentos por mudanças.

Destacamos, então, que, a partir do início do século XXI, a artista brasileira tem sua carreira e história de vida diretamente ligadas à luta histórica da comunidade negra na busca por sua autonomia. *Do Cóccix até o Pescoço* constitui-se enquanto marca da transformação de um posicionamento social que mostra sua face e que se firma de vez com a música “Mulher do fim do mundo” (2015).

A “Mulher do fim do mundo” retoma e finca a posição de Elza Soares frente à invisibilidade e ao silêncio, que, por séculos, vem se impondo às mulheres negras. Nesse contexto, a voz da cantora enfatiza a partir da letra da música em que “A concepção desse sujeito - as mulheres negras - traz consigo uma complexidade maior e demanda o reconhecimento das profundas diferenças culturais presentes nas vivências das mulheres” (Margareth, 2022)⁴. Nas palavras da própria artista, em entrevista ao jornalista Leo Dias, – “Esse clipe é uma coisa muito forte. Aquelas mulheres todas representando Elza, falando, sambando, cantando⁵ [...]”.

Ao observarmos o discurso da artista carioca, citado no parágrafo anterior, transplantamo-nos ao raciocínio de Prudente (2022)⁶. Para esta, a negritude musical de Elza Soares se dá numa

[...] afirmação da imagem positiva da africanidade, que lhe fazia ainda mais ampla na holística da contemporaneidade inclusiva de forma disruptiva com as ações preconceituosas do anacronismo excludente da euro-heteronormatividade, com a qual lutou como na sua interpretação da música *Mulher do fim do mundo*: “Eu quero cantar / Até o fim, me deixem cantar até o fim / Até o fim, eu vou cantar / Eu vou cantar até o fim” (2015) (PRUDENTE, 2022).

⁴ Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/elza-soares-a-voz-do-feminismo-negro-representado-na-cancao-mulher-do-fim-do-mundo/>. Acesso em: 24 de março de 2024.

⁵ Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/leo-dias/elza-soares-sobre-racismo-o-negro-tem-uma-forca-que-sempre-aparece>. Acesso em: 25 de março de 2024.

⁶ *Ibidem*



Note que, no trecho anterior, somos levados à constatação de que o brado de Elza Soares é a voz que precisa falar, mas também é a voz que fala, a que grita, a que se expande, a que tem consciência de que não pode emudecer. Essa ideia é visível no segundo verso da primeira estrofe da música “Negão Negra”. No trecho “Para o povo preto, do preconceito se libertar” (2020), percebemos que o destaque alavancado pela entonação de Elza Soares e Flávio Renegado está centrado na necessidade de libertação do preconceito. Não se percebe daí outro ponto que não seja uma chamada à ação.

Ao assumir abertamente seu posicionamento antirracista, as canções de Elza Soares refletem, de certo modo, um

[...] significativo nível de circularidade sagrada da cosmovisão africana primogênita, é que nos vem a percepção da imperecibilidade da arte de Elza Soares. Considerando que seu canto é expressão do corpo na mesma medida em que corpo é manifestação do seu canto. Essa diva negra canta com a alma, fazendo um vocal gutural, na garganta que é componente físico, em que distorce a voz, tornando-a multifacetada, como provável instrumento da dinâmica do corpo, e com uma possível ternura da alma, intensificando assim a polissemia existencial da multiplicidade negra (PRUDENTE, 2022).

Assim, ao apresentar a “polissemia existencial”, Prudente evidencia que o cantar de Elza Soares está muito além da mera existência singular do indivíduo negro. Suas observações tomam outros horizontes, ocupando o espaço da construção variada dessa identidade, fazendo vir à tona as identidades negras. Dos Ga-Adangbe aos Yoruba, Lgbo, Fon, Ashanti, Ewe, Mandinga, entre outros, performam a negritude brasileira e elencam um *hall* de identidades que desapareceram em meio ao racismo estrutural brasileiro.

1.2 NEGRITUDE EM PERSPECTIVA: NAVEGANDO ENTRE O SER *SUJEITO* E O SER *OBJETO* NA SOCIEDADE

No mundo em que vivemos, estabelecer um diálogo que apresente definições acerca dos conceitos *sujeito* e *objeto* não é tarefa das mais simples. Ao sermos questionados, certamente teríamos determinada dificuldade em apresentar uma síntese acerca da problemática envolvida. Um possível caminho seria tomar, em um primeiro momento, a definição apontada por Kilomba (2019), ao ponderar que o que compreendemos por sujeito é o ser dotado de consciência e de

experiências próprias. Poderíamos delimitar, ainda, seguindo o pensamento da mesma autora, como sendo uma entidade que se relaciona com outra entidade externa a si mesma.

Num segundo momento, a definição de objeto, segundo bell hooks (2019), corresponde ao indivíduo incapaz de situar no mundo posicionamentos próprios. Ou seja, a pessoa incapaz de delimitar o próprio traçado da vida. Obviamente, para a escritora, professora e ativista norte-americana, esse fato não está atrelado à falta de vontade, mas sim às políticas colonialistas eurocêntricas de dominação que impedem determinados grupos de alavancarem voz ativa no meio em que vivem, uma vez que, às comunidades negras, não se delega o livre manifesto das discussões acerca de suas identidades.

Nesse sentido, no trecho apresentado por Kilomba (2019, p. 116) ao dizer que “De repente, o *sujeito negro* é forçado à subordinação. De repente, o *sujeito negro* torna-se um *objeto* para as/os *brancas/os* olharem, se dirigirem e questionarem, em qualquer momento e em qualquer lugar”. Comprendemos que o objeto, além de não ter voz, também tem seu espaço constantemente invadido pela elite opressora.

Sobre esse ponto, a escritora e filósofa brasileira Djamila Ribeiro (2021) aponta que não se trata meramente de uma política reducionista. Para ela, as desigualdades são confeccionadas pelas formas que o poder permite. Disso resulta certa estrutura opressiva, que, aliás, apadrinha certos grupos, ao passo que exclui outros.

Retomando a ideia de sujeito anteriormente apresentada, para Kilomba (2019), o sujeito constitui-se como aquele indivíduo que escreve a própria história e, assim, é capaz de apresentar certa autonomia, ao passo que o objeto compreende algo que apenas se observa. Evidentemente, a diferença entre *sujeito* e *objeto* constitui-se elemento-chave para nossa discussão, pois permite compreender como percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor e como construímos nosso entendimento acerca de certas realidades.

Logo, há disparidades entre as conceituações, de certa forma, uma oposição entre *sujeito* e *objeto*, o que nos faz exteriorizar, a partir desse ponto, o conceito de desobjetificação. Mas de fato, o que é desobjetificação? Desobjetificar é mover-se, é lutar para construir-se enquanto sujeito. É ter voz e pensamento autônomos, é caminhar sem a necessidade de muletas.

À vista disso, a desobjetificação, segundo bell hooks (2019), permite às margens habitarem o meio, a saírem de um lugar que sempre estiveram por determinação alheia e direcionarem-se para o centro.

Tomemos como exemplo de desobjetificação o apontamento de Grada Kilomba (2019, p. 28), ao refletir sobre a atividade de escrever seu livro. A escritora portuguesa descreve a ideia de desobjetificar seu próprio eu e assumir seu lugar diante do mundo.

Escrever este livro foi, de fato, uma forma de transformar, pois aqui eu não a ‘Outra’, mas sim eu própria. Não sou *objeto*, mas *sujeito*. Eu sou quem escreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato da escrita como um ato de *tornar-se* e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminedou.

Em um mundo repleto de obras escritas, a ideia? de Kilomba seria apenas mais uma, não fosse o contexto envolvido. Como ela bem descreve, “Este livro pode ser entendido como uma forma de ‘tornar-me sujeito’ porque nesses escritos procuro exprimir a realidade psicológica do racismo cotidiano” (KILOMBA, 2019, p. 29).

O posicionamento de Kilomba (2019) não vem do acaso. É reflexo de estudos acerca de conceitos utilizados anteriormente pela escritora norte-americana bell hooks, que faz uso dessas representações para argumentar que aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (bell hooks, 2019, p. 42) são sujeitos, ao passo que “como objetos, no entanto, nossa realidade é definida por outros, nossas identidades são criadas por outros (KILOMBA, 2019, p. 28).

Ao observarmos os trechos citados nos dois parágrafos anteriores, compreendemos que a escritora portuguesa sustenta o valor do ato de escrever, de falar, de lançar a voz da mulher negra que é. Kilomba (2019) não se limita a pensar de acordo com a ordem vigente, ela rompe essa barreira, não aderindo à ideia de que a ideologia dominante constrói seu discurso a partir de parâmetros universais, e que podem falar por todos, visto que “Insistem em falar pelos outros, quando, na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais” (RIBEIRO, 2021, p. 31).

Nesse sentido, o pensamento de Kilomba (2019) nos leva a constatar que sua escrita se apodera de uma oposição ferrenha ao projeto colonial que perdura até os dias atuais. A visão da autora distancia-se do projeto de dominação social que, em muitos casos, privilegia o sujeito e anula o objeto, perpetuando, assim, hierarquias e opressões. Isso é especialmente evidente nas dinâmicas de gênero, raça e classe, em que determinados grupos são sistematicamente



marginalizados e objetificados, seja na fala, no imaginário, ou na imposição de forças que encurralam parte da população, entre outros.

E assim, o discurso de Kilomba (2019) evidencia a forma que esta encontrou para situar-se perante o mundo. Falar sobre uma pauta que incomoda tanto quem fala quanto quem ouve é a sustentação do processo de desconstrução, ao qual a escritora lusitana se expôs. Ao abrir seu brado e tecer discussões a partir dos discursos de outras mulheres negras, Kilomba faz emergir o pensamento de bell hooks (2019) de que, nesse ponto, as mulheres negras falam com liberdade de serem elas mesmas.

1.3 ENTRE A FRASE E A REALIDADE: O PAPEL DO SUJEITO E DO OBJETO

Do ponto de vista sintático, o sujeito é um termo essencial para a oração. Grosso modo, é aquele sobre o qual se declara algo. Nossa abordagem, neste ponto, segue o raciocínio de Perini (2005, p. 77) ao determinar que “Sujeito é o termo da oração que está em relação de concordância com o NdP⁷”, embora saibamos que Perini, nessa mesma obra, discute o papel semântico dos termos da oração e apresenta definições distintas dos tipos de sujeito e seus papéis dentro do contexto sintático/semântico.

Voltemos à definição de sujeito. Para o dicionário Michaelis⁸, o termo sujeito, primeiramente, pode ser definido como

[...] ser real, substância ou realidade permanente, à qual são atribuídas transformações, qualidades ou acidentes”. *Numa segunda definição*, [...] o eu pensante, a consciência, o espírito ou a mente, tidos como a faculdade com a capacidade de conhecer e o princípio iniciador do conhecimento. (Grifo nosso)

O trecho acima apresentado explora duas definições essenciais de sujeito. A primeira faz referência à essência fundamental e permanente das coisas, que permanece constante apesar das transformações ou qualidades atribuídas a elas. De certo modo, sugere uma realidade subjacente e imutável. A segunda definição aborda o eu pensante, a consciência ou o espírito como o princípio iniciador do conhecimento, destacando a mente humana e sua capacidade de

⁷ Núcleo do predicado (função).

⁸ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=sujeito>. Acesso em: 29/08/2024.

conhecer e interpretar o mundo. Juntas, essas ideias provocam uma reflexão profunda sobre a essência das coisas e a natureza da consciência.

Diferente do sujeito, o objeto, para o mesmo dicionário Michaelis⁹, é “O substantivo, o pronome, o numeral, a palavra substantivada ou a oração substantiva que serve de complemento dos verbos transitivos e que indica o ser ou a coisa que sofre a ação realizada pelo sujeito”. A citação destaca a definição de objeto no contexto sintático, enfatizando sua função em uma frase. Ao contrário do sujeito, que realiza a ação, o objeto é o elemento que recebe ou sofre essa ação. Essa distinção é fundamental na estrutura da linguagem, pois define as relações entre as palavras e clarifica o papel de cada termo dentro da oração.

Percebemos, desse modo, que o sujeito se constitui enquanto determinante, logo, o objeto é o determinado. Essa colocação caminha na mesma direção das discussões apresentadas para Grada Kilomba e bell hooks, uma vez que, podemos elaborar a seguinte metáfora: a sociedade é, do ponto de vista sintático, a oração, e a oração é a sociedade. Portanto, o sujeito ocupa dentro da função sintática a mesma posição que ocupa enquanto ser pertencente a um grupo. O objeto, de igual modo, vai ocupar a mesma posição, tanto do ponto de vista sintático quanto social. Nos dois casos, o sujeito determina as ações, enquanto o objeto vai sofrê-las, pois tais funções (sujeito e objeto) são distintas.

Vamos analisar as sentenças abaixo:

– A professora ensinou a tabuada aos alunos.

Nesse caso, a professora é o sujeito e os alunos são o objeto. Perceba que em caso de alteração no sujeito, por exemplo, “As professoras ensinaram a tabuada aos alunos”, note que quando o sujeito sofre alteração, o verbo também se modifica, ao passo que, se alterássemos o objeto, o verbo permaneceria inalterado. Percebemos, então, o “poder” sintático do sujeito dentro de uma oração.

Do ponto de vista da nossa análise, a professora representa a branquitude de um grupo, ao passo que os alunos representam a negritude desse mesmo grupo. A forma como se encontra a oração acima apresentada é aquela que se estrutura a sociedade em que vivemos, pois ela é estabelecida de acordo com princípios pré-estabelecidos.

⁹ *Idem.*



Dessa forma, verifica-se que as definições de *sujeito* e *objeto* é, no caso da sintaxe, determinada pela ordem canônica SVC. Ao passo que no caso da determinação social, é própria das divisões de raça, estas, inerentes ao grupo dominante.

1.4 ALÉM DA COR: DESAFIANDO ESTEREÓTIPOS E ECOANDO A LUTA CONTRA O RACISMO

Falar sobre racismo é mergulhar em uma dura e violenta realidade. Afinal de contas, estamos falando de uma política de segregação que perdura há séculos, constituindo-se enquanto produto de princípios eurocêntricos de dominação. À vista disso, Kilomba (2019, p. 71) disserta que “o racismo é, muitas vezes, visto como um fenômeno periférico, marginal aos padrões essenciais de desenvolvimento da vida social e política”. Ainda na visão da autora lusitana, poderíamos criar a seguinte metáfora: o racismo seria uma faixa de tinta, facilmente removível. De certo modo, esse juízo tem algum significado, pois em se tratando de uma ferida, bastaria passar remédio e tão logo esta estaria cicatrizada. No entanto, essa ferida está mais para Carcinoma basocelular¹⁰.

Essa narrativa torna-se evidente na primeira estrofe de “Negão Negra”, posto que, ao dialogar sobre as dificuldades inerentes ao racismo, a canção dialoga que: “Nunca foi fácil e nunca será/ Para o povo preto do preconceito se libertar/ Sempre foi luta, sempre foi porrada/ Contra o racismo estrutural, barra pesada” (2020).

Para acentuar essa discussão, tomemos como ponto de partida o pensamento de Souza (2021, p. 48). Para ela,

[...] a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior.

Analisando a colocação da autora brasileira no trecho acima, constatamos que a construção do racismo é algo adjacente ao poder, seja este advindo do Estado ou do indivíduo comum. O primeiro direciona os rumos que as narrativas/vidas de sua população vão tomar,

¹⁰ Câncer de pele mais comum entre as pessoas.

controlando e segregando. O segundo, em alguns casos, sente-se poderoso por se julgar superior ao outro, seja por sua condição social ou por sua cor de pele.

Mas por que estamos discutindo as matrizes do racismo estrutural e não partindo ao ponto da discussão? Situar o que vem a ser o racismo é primordial para compreendermos a mensagem por trás de “Negão Negra”.

Ao observarmos a expressão utilizada no título da música, compreendemos que a elocução já é significativa por si só, pois incorpora as identidades racial e de gênero em um só termo, fazendo vir à tona a interseccionalidade das violências sofridas pela comunidade negra. Por assim dizer, a escolha linguística da letra da canção torna evidente a intenção dos artistas, que é apresentar a arte como forma de enfrentamento ao racismo estrutural.

Dessa forma, “Negão Negra” é enfática ao delimitar em seu campo de ação o retrato de um percurso de lutas, de colocar à mostra os dilemas vivenciados pelos povos negros. Essas lutas vão da libertação da escravidão às dificuldades em vencer o preconceito, sendo, portanto, um coro contra o racismo estrutural.

Logo, a junção das vozes de Elza Soares e Flávio Renegado é a mescla perfeita para a construção de um canto que se ergue a partir dos discursos de muitos grupos, há tempos subjugados e colocados à margem, representados pela voz de uma cantora consagrada e de um jovem ascendente, ambos negros. Ergue-se, então, o brado “Negão negra”, que por sua protuberante repetência lexical, simboliza a luta incessante das vozes de pretas/pretos que incansavelmente lutam contra o racismo estrutural, embora diante de pouco sucesso. A repetência que sai das vozes de Elza Soares e Flávio Renegado soa como a repetição de lutas incansáveis.

Façamos, então, um mergulho no refrão da música: “Negão, negão, negão, negão/ Negão, negão, negão, negão/ Negra, negra, negra, negra, negra” (2020). A repetição dos termos aflora discussões que partem de dois vocábulos comuns, mas que rememoram pessoas aguerridas, que travam suas lutas diárias, esboçando, sempre, uma sede de dias melhores. Como bem coloca Elza Soares, em entrevista cedida à coluna Metrôpoles: “Negão Negra mostra como o racismo estrutural existe. E a gente vem combatendo isso. O negro tem uma força, que eu não sei de onde vem, mas que ela sempre aparece”¹¹. Logo, a força da música é a força do povo negro, a força que vem dos ancestrais vindos de África.

¹¹ Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/leo-dias/elza-soares-sobre-racismo-o-negro-tem-uma-forca-que-sempre-aparece>. Acesso em: 25 de março de 2024.

Podemos dizer, ainda, que a repetição dessas palavras se constitui como um marcador de espaço, pois ao musicalizar a construção discursiva desses vocábulos, compreendemos que a música remete a uma ideia de representatividade. Grupos emergem, se fazem vistos e movem-se aos olhos de quem os vê. Assim como Kilomba (2019) cita que o ato de escrever seu livro foi uma forma de trancar-se *sujeito*, “Negão Negra” também faz vir à tona a construção de sujeitos. Sujeitos, porque são várias/os inseridas/os no discurso que a canção carrega. Por mais que as vozes estejam ali lançadas à condição de dar visibilidade, esta transcende o individual dos artistas, pois carrega consigo a representação de milhões de negras e negros que se sentem participantes e, por que não, donos dessa bandeira?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Negão Negra" não apenas consolida a expressão artística singular de Elza Soares, mas também serve como um poderoso marco na representação autêntica da cultura negra brasileira. Por meio desta composição, Elza Soares transcende fronteiras musicais e abre portas para uma nova geração de artistas, como o talentoso *rapper* brasileiro Flávio Renegado. Não se trata de uma mera canção, pois esta se constitui enquanto testemunho significativo da resiliência, da identidade e da vitalidade da comunidade negra no Brasil, oferecendo uma narrativa poderosa e cativante que repercute profundamente no meio social.

E assim, sem qualquer intenção de esgotar essa discussão, chegamos à conclusão deste trabalho, compreendendo que o eco das vozes de Elza Soares e Flávio Renegado ressoa como um coro unificado, clamando pela autonomia e pela própria jornada. Seus discursos celebram a resiliência, a cultura e a história de luta do povo negro.

Ademais, juntam-se a outras vozes, como Grada Kilomba, bell hooks e Djamila Ribeiro, para não apenas narrarem suas experiências, pois intentam e mostram como pessoas negras se movem para o centro do palco e assumem o protagonismo de suas histórias pela sustentação de seus discursos. Corajosamente, desafiam a objetificação ao expressarem suas vozes, rompem os estigmas pré-concebidos e reivindicam para si sua humanidade plena.



REFERÊNCIAS

DIAS, Leo. Elza Soares sobre racismo: “O negro tem uma força que sempre aparece”. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/leo-dias/elza-soares-sobre-racismo-o-negro-tem-uma-forca-que-sempre-aparece>. Acesso em: 25 de março de 2024.

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=Objeto>. Acesso em: 29 de agosto de 2024.

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: Sujeito | Michaelis On-line (uol.com.br). Acesso em: 29 de agosto de 2024.

Elza Soares: o canto negro que tem a cara do Brasil. Por Eunice Aparecida de Jesus Prudente, professora da Faculdade de Direito da USP, e Celso Luiz Prudente, professor da Universidade Federal do Mato Grosso. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/elza-soares-o-canto-negro-que-tem-a-cara-do-brasil/>. Acesso em 29/02/2024.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo, Elefante, 2019.

MARGARETH, Artur. *Revista da USP*. Elza Soares: a voz do feminismo negro representado na canção “Mulher do fim do mundo”. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/elza-soares-a-voz-do-feminismo-negro-representado-na-cancao-mulher-do-fim-do-mundo/>. 22 de março de 2024.

NASCIMENTO, Tatiana Gomes. *Elza Soares Do Cóccix Até o Pescoço: Um Enunciado de Luta e Resistência*. 2022. 23 páginas. Trabalho de conclusão de curso (Especialização). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2005.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala: feminismos plurais*. – São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.